OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 400

1 DE FEVEREIRO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Tem continuado felizmente com o mesmo enthusiasmo e com a mesma perseverança o movimento de reacção contra a Inglaterra, de rejuvenescimento do grande sentimento da Patria.

As manifestações ruidosas das ruas terminaram e era bem que terminassem; o seu papel estava acabado.

Em resposta ao insulto do *ultimatum* o paiz ergueu-se em massa e protestou: como era do seu direito, como era do seu dever.

Agora depois d'esse protesto o paiz calou-se e passou a trabalhar; passou das palavras ás acções, e é preciso, é necessario que trabalhe muito, e bem, e sem treguas na restauração de todas as suas forças, nos preparativos da sua defesa, para estar precavido contra as futuras surprezas da politica colonial da Inglaterra, e de qualquer outra nação, para estar preparada não a ir-se metter em aventuras, a ir combater na casa alheia, mas a defender a sua casa, a fazer respeitar os seus direitos.

Deve ser esta a idéa predominante e unica de todos os portuguezes, deve ser este o alvo, o objectivo de todos os seus trabalhos.

E para o conseguir não será pequeno esse trabalho, a começar pelo trabalho preparatorio que não pode deixar de ser a remodelação de todos os nossos habitos politicos de ha quasi meio seculo, maus habitos, tristissimos habitos, que tem dado esse deploravel enfraquecimento de que hoje por uma reacção sacratissima nós queremos sair.

O paiz até agora tem estado dividido em dois grandes grupos — o grupo dos exaltados, dos ambiciosos em politica, e o grupo muito mais numeroso ainda dos indifferentes.

Aquelles são cegos, porque as paixões partidarias lhes obsecam a vista; estes são cegos porque a indifferença lhes fecha os olhos, e francamente não é com essas cegueiras que um paiz se governa, que uma nação prospéra, que um povo se engrandece, que uma nacionalidade se affirma.

Dado este nosso modo de ser que ninguem pode contestar, o resultado não podia deixar de ser esse a que chegámos.

Do paiz ninguem trata; os politicos tratam do seu partido, os indifferentes tratam da sua vida particular; os politicos dizem sempre mal de tudo quanto fazem os seus adversarios, os indifferentes dizem de todos — «Tão bons são uns como são os outros» — e por uma indolencia muito peninsular, muito nossa, não tratam de fazer vingar uns que sejam melhores, e vão deixando correr o marfim, e vão cuidando apenas de chegar a brasa á sua sardinha.

Chegar a brasa á sua sardinha é ha muitos annos o lemma da nossa vida politica.

Cada qual trata de si, ou individualmente como homem, ou collectivamente como partido: — da patria é que ninguem tem tratado.

Pois é d'isso precisamente que é agora necessario que todos tratem e deveras: é necessario que republicanos e monarchicos, que progressistas, regeneradores e indifferentes, se esqueçam da sua sardinha para que a Inglaterra não venha aproveitar-se para a sua da nossa braza.

A primeira coisa que ha a fazer, a coisa indispensavel é esta. Far-se-ha? Sei que é difficilima de fazer, mas sei que é preciso que se faça.

E' dificilimo sahir dos habitos largamente inveterados, é difficilimo esquecer aquillo em que sempre se tem pensado, e sahir da indolencia em que se tem vivido, mas feito isso pode dizer-se que está feito tudo.

Desde o momento em que todos se deem francamente as mãos, esquecendo antigos odios e antigos interesses para só pensarem no interesse da Patria e no odio aos inimigos d'ella a Patria pode considerar-se salva.

O que é indispensavel porém é que essa aliança da salvação nacional seja sincera, firme, leal, que não deixe a porta aberta á desconfiança, ao medo das ciladas, ao receio das traições.

Se essa desconfiança entra lá dentro está tudo perdido: se cada grupo tem de estar a olhar pa-

JULIO CESAR MACHADO E SEU FILHO — FALLECIDO EM 11 DE JANEIRO DE 1890

(Segundo uma photographia de H. Nunes)

ra o outro grupo com medo que d'elle lhe venha um golpe traiçoeiro, se cada partido tem que estar a precaver-se contra as surprezas d'outro partido, se cada agremiação tem que estar a preparar-se para se defender de outra agremiação, como é que ellas todas hão de pensar unicamente, seriamente, tenazmente, vigorosamente na defesa sacratissima da patria?

Tenho dito e redito muitas vezes que nunca fiz nem quero fazer politica, não escolheria este momento para a fazer e de forma alguma a estou fazendo aqui.

Fallo n'isto porque se trata precisamente do contrario de fazer politica — trata-se de a não fazer.

Um academico n'uma das primeiras reuniões que houve de estudantes para tratar das manifestações nacionaes, interrompeu um seu collega que fazia umas referencias a um estadista qualquer, gritando: — Fóra a politica!

E' esse bello grito que eu repito aqui — Fóra a politica! Que elle ache echo no modo de pensar de todos os portuguezes.

O Occidente tem uma revista politica que está a cargo d'um meu prezadissimo collega, que completamente alheio a aggremiações partidarias, tem historiado os acontecimentos politicos da nossa terra com um grande bom senso e uma perfeita imparcialidade, sem receber santo e senha de nenhum partido e dizendo sinceramente e desafogadamente tudo o que pensa, e tudo o que sente. Essas revistas tem sido muito bem recebidas pelo publico, como a verdade e a sinceridade são sempre bem recebidas, e a proposito um jornal do Porto, alludindo ha dias a uma d'essas revistas em termos muito elogiosos e muito justos, attribuia-as com phrases amabilissimas á pessoa que escreve estas linhas.

Agradecemos penhoradissimos essas phrases, mas aproveitamos a occasião para declarar que somos absolutamente estranhos a essas revistas. Nunca escrevemos ácerca de politica, temol-o declarado aqui muitas vezes e como complemento a essa declaração na nossa chronica, não iriamos, é claro, escrever de politica n'outra secção do mesmo jornal.

Foi exactamente pela nossa resistencia absoluta a tratar de assumptos politicos que o Occidente inaugurou essas *Revistas politicas* de que se encarregou o nosso presado amigo e collega, que tão applaudido e festejado tem tornado o pseudonymo de João Verdades.

E dada lealmente esta explicação, não querendo calar-nos com honras que não nos pertencem, nem com o nosso silencio deixar julgar que de facto esse pseudonymo pertencia á pessoa que escreve estas linhas, enviamos para essas Revistas Politicas os nossos leitores que quizerem a chronica dos acontecimentos politicos dos ultimos dias e a sua apreciação, porquanto nós aqui, continuando o caminho que sempre trilhámos, limitar-nos-hemos apenas ao registo dos factos que se tem tornado salientes na vida de Lisboa, separando-os completamente da politica, embora infelizmente a politica tenha tentado ou tente intrometter-se n'elles.

Como diziamos as manifestações na rua cessaram, e apenas no domingo passado um numeroso grupo de academicos e de patriotas foram, na mais rigorosa ordem, comprimentar as legações de França e Hespanha e manifestar a sua sympathia e a sua gratidão por esses dois paizes. Se cessaram as manifestações na rua não cessou porém o grande movimento patriotico, e na noite de 23 do corrente houve, no salão do theatro da Trindade, uma reunião convocada pela imprensa de Lisboa e pelos promotores da subscripção nacional, para se eleger uma grande commissão encarregada de organisar e dirigir essa subscripção, de modo a ella ser o mais proveitosa possivel.

A reunião foi concorridissima e a ella se refere hoje um dos nossos desenhos tirado na sala, na occasião em que fallava eloquentemente o sr. Eduardo d'Abreu.

Presidiu á reunião o sr. marquez de Pomares tendo por secretarios os srs. Manoel d'Assumpção, Magalhães Lima, Fernando Pedroso e Almeida Pinheiro.

Esta meza proposta pelo sr. Fialho d'Almeida e eleita por acclamação, demonstrou logo brilhantemente que a politica fôra de todo banida d'aquella assembléa e que monarchicos e republicanos, livres pensadores e clericaes, progressistas e regeneradores, tinham d'ali desapparecido, para sómente apparecerem portuguezes. Muito bem, assim é que foi e assim é que devia ser.

Depois de terem fallado patrioticamente os srs. Marquez de Pomares, Eduardo d'Abreu, Christovão Ayres, Brito Aranha, Avelino Monteiro, Urbano de Castro, Luiz Dine, Santos Junior, Carlos Ferreira, Julio de Azevedo e Magalhães Lima, procedeu-se á organisação da grande commissão executiva que foi eleita por acclamação e que é composta de mais de 120 membros entre os quaes figuram representantes de todos os partidos desde os mais conservadores até aos mais radicaes, de todas as jerarchias, de quasi todas as classes, unidos todos pelo mesmo grande sentimento, o amor da nacionalidade, pela mesma santa idéa — a salvação da patria.

Essa grande commissão aggregou ainda a si varios individuos mais que julgou poderem-n'a coadjuvar nos seus trabalhos, trabalhos que já encetou com toda a actividade e enthusiasmo.

E cremos firmemente que esse enthusiasmo e essa actividade não affrouxarão, e que essa subscripção nacional dará um grande e brilhante resultado.

De todos os pontos do paiz chegam todos os dias telegrammas de manifestações imponentes, de vivas adhesões ao movimento patriotico, telegrammas que nos enchem de jubilo porque nos mostram que a corrente do patriotismo se alastrou por todo o paiz, pelas nossas colonias no estrangeiro, por toda a parte em summa onde pulsam corações portuguezes.

E' nobre, é grande, é consolador isto, porque se o homem que pensa existe, as nações que se indignam, que se enthusiasmam, vivem!

A população de Lisboa tem-se concentrado quasi que exclusivamente n'estas nobres preoccupações.

Nos primeiros dias houve como que uma suspensão, na sua vida habitual; agora a cidade recomeça a voltar pouco a pouco aos seus habitos, a effervescencia ruidosa passou e o patriotismo entrou n'uma phase mais pratica, mais positiva, na do trabalho silencioso, mas persistente, activo e tenaz.

A vida theatral, que durante semanas esteve quasi que paralysada, ao principio pela epidemia da *influenza*, depois pelos acontecimentos politicos e nacionaes, recomeçou de novo: nos theatros já se vê gente, e S. Carlos teve na noite de 28 uma enchente enorme com a primeira representação do *Hamlet*.

A grande attracção da noite era a Van-Zandt no papel de Ophelia.

O nosso publico morre por confrontos, e na Ophelia tinha esse seu pratinho predilecto; nada mais nem nada menos do que o confronto de duas grandes celebridades artisticas — a Fidés Devriés e a Van Zandt.

A Devriés fizera fanatismo na Ophelia: o que faria n'esse papel a Van-Zandt, a celebre creadora da Lakmé, a maravilhosa interprete da Mignon?

A resposta a esta pergunta levou uma multidão enorme a S. Carlos.

E essa multidão sahiu de lá completamente desapontada. A Van-Zandt não pode luctar com o confronto, com a recordação gloriosa da Ophelia — Devriés, e a sua Ophelia que antes da outra teria feito certo successo, quasi fez um *fiasco*.

A Tetrazini foi muito mais feliz no anno passado n'um confronto que tinha os mesmos perigos que este — o da Margarida do Fausto, a outra maravilhosa corôa da Devriés.

Tetrazini cantou e representou o *Fausto* depois da Devriés e no fim do 3.º acto, acto em que a famosa cantora franceza era positivamente extraordinaria, teve um successo tão grande como o d'ella, muito maior ainda exactamente por haver já a comparação. A Van-Zandt não teve igual sorte e a sua Ophelia quasi que desappareceu em frente da Ophelia da Devriés, e ainda mais, chega mesmo a empallidecer confrontada com a da Donadio.

O sr. Menotti fez pela primeira vez o *Hamlet*. Tem muito talento mas falta-lhe a voz. Estudou muito o personagem dramatico, mas esse personagem é tão mysterioso, presta-se a tão diversas interpretações, que de todas ellas se pode dizer bem e se pode dizer mal.

E depois Menotti tinha tambem uns confrontos terriveis a prejudicar-lhe o seu trabalho — o da voz do Battistini, o do Hamlet de Kaschman.

Quem teve um successo na opera foi a Pasqua no personagem da Rainha. No do espectro agradou-nos o baixo Ercolani. A opera mal ensaiada e a orchestra cheia de hesitações.

O *Hamlet* deu uma grande enchente a S. Carlos, mas creio bem que não lhe dará segunda. Julgo mesmo que não se repetirá porque a gloriosa Van-Zandt da *Mignon* e da *Lakmé* não precisa subjeitar-se a estes meios fiascos do *Hamlet*.

Gervasio Lobato

JULIO CESAR MACHADO

Morreu com 54 annos d'idade o bom e desgraçado Julio Machado, e eu ha 35 annos que o conhecia.

Foi o primeiro homem de lettras com quem eu travei relações, ainda mesmo no tempo em que nem sequer com as lettras travára conhecimento.

Foi ha trinta e cinco annos que isto se passou, e dir-se-hia que foi já ha um seculo. Quasi toda a gente que eu n'esse tempo conheci já lá vae, e já lá vão tambem os logares em que essas scenas se passaram.

Eu tinha cinco annos e morava n'um primeiro andar da Praça da Alegria em frente do Passeio Publico.

Passeio Publico e Praça da Alegria desappareceram ha annos, nas grandes obras da Avenida da Liberdade.

A Praça formava ali um recanto com o predio em que hoje está estabelecida a Photographia Phœbus. O predio em que eu morava era o penultimo d'esse recanto: o ultimo era um predio pequeno, de tres janellas de frente e de tres andares apenas.

No primeiro andar d'esse predio morava um *grand viveur* d'esse tempo, o Henrique Mouchet, um homem muito myope e muito alegre, que vivia com uma ingleza Miss Eugenia, uma senhora muito bonita e extremamente elegante, que tinha a pachorra de passar horas e horas a conversar á janella comigo, e que todos os dias me dava um grande sortimento de bonecos e de bolos.

Aos domingos á casa do Mouchet ia sempre jantar um rapaz muito janota, trigueiro, de bigode preto, muito jovial, que conversava comigo tambem e que um dia me deu de presente um livro com bonecos.

Lembro-me perfeitamente da alegria que tive com esse presente, e do orgulho com que fui mostrar á minha santa mãe esse livro, que me tinha dado o sujeito trigueiro da casa da ingleza: — era um livro do sr. Ribeiro de Sá, intitulado *Horas de repouso* ou *Horas de estudo*, não me recordo bem, mas do que me recordo é que a primeira estampa era um velho a aparar uma penna.

O sujeito trigueiro da casa da ingleza, era Julio Cesar Machado.

Tinha então 20 annos e em plena mocidade era já aureolado pela gloria litteraria que lhe vinha dos seus folhetins, e dos seus livros já em grande voga n'esse tempo.

— E' o sr. Machado, disse-me a miss. Eugenia quando eu lhe perguntei quem era aquelle sujeito que me tinha dado aquelle livro tão bonito.

— O sr. Machado? Mas o que é elle? Quem é?

— E' um litterato!

— Um litterato! repeti eu ficando na mesma.

E por muitos annos para mim o sr. Machado ficou sendo apenas celebre por me ter dado o livro dos bonecos.

* * *

A mania litteraria e theatral que desde pequeno começou a entrar de volta comigo, principiou a desenvolver-se-me furiosamente quando eu entrei nos estudos, e no collegio do Godinho apenas me apanhei approvado no 3.º anno de portuguez e no francez, tratei logo de botar um jornal.

Arranjei para isso um socio, um rapaz chamado Fialho que era do Alemtejo e de quem nunca mais tive noticia, e uns collaboradores o Carlos Boa-Ventura que está algures casado e empregado de Fazenda, o Miguel de Sousa, que depois teve um collegio na rua da Rosa e que de ha muito dorme o grande somno.

Lançamos os prospectos do jornal o *Recreio da Mocidade* e começamos á procura de assignaturas.

Encontrámos poucas mas em compensação encontrámos a proposta d'uma fusão jornalistica.

O Paulo Rodrigues Viegas, do Lyceu, conhecido então pelo menino da Pala, porque usava sempre um bonet com uma pala incommensuravel, tinha com o Baptista Machado um jornal chamado o *Clamor Academico*.

O Ruy Portocarrero, que tão cedo desappareceu do mundo, tinha com o Luciano Cordeiro outro jornal a *Voz Academica*, e como esses dois jornaes vivessem vida atribulada, pensaram os seus proprietarios em fazer uma fusão, convidando-nos tambem a nós — os proprietarios do tal *Recreio da Mocidade* que nunca sahira, para entrar n'uma sociedade.

Houve uma reunião magna de *jornalistas* na redacção do *Clamor Academico*, em casa de Paulo Viegas, na travessa da Horta da Cera, e n'uma reunião muito concorrida em que estiveram Lu-

ciano Cordeiro, Custodio Velloso, Lourenço da Fonseca, Serrão de Faria, Ruy Portocarrero, Alexandrino do Carmo, Rodrigo Affonso Pequito, Paulo Viegas e eu, fundou-se definitivamente a *Voz Academica*.

Eu estava radiante, entrava por fim a valer no mundo litterario, e comecei então a querer conhecer os meus confrades já gloriosos.

O Alexandrino do Carmo apresentou-me em casa do Gomes d'Amorim, o illustre poeta dos *Cantos matutinos* e ahi conheci o Xavier Rodrigues Cordeiro, o S. José, um rapaz que era secretario do Visconde de Castilho, o velho Rodrigo Felner, o Tasso e o Theodorico.

N'esse tempo porém andava muito em voga um nome que não me era de todo estranho — o nome de Julio Cesar Machado.

Ouvia sempre esse nome em todas as conversas litterarias, via-o elogiado nos jornaes, via-o nos cartazes.

Umas visinhas minhas, as filhas do conselheiro Placido d'Abreu, umas formosissimas e gentis meninas, que a morte ceifou todas em plena mocidade, tinham um grande enthusiasmo pelos escriptos de Julio Cesar Machado e possuiam todos os livros d'elle.

Emprestaram-m'os. Li-os avidamente: eram os *Contos ao luar*, *As historias para gente moça*, a *Vida em Lisboa*, e fiquei tendo um vivo interesse em conhecer o delicado e delicioso escriptor cujo original e prestigioso estylo tanto me encantara.

Uma tarde no Passeio Publico mostraram-me Julio Cesar Machado.

E' aquelle o Machado, disseram-me.

Olhei para elle e reconheci-o immediatamente. Era o homem da casa de miss. Eugenia, que me tinha dado o livro de bonecos.

E então soube d'onde era que eu conhecia o nome de Julio Cesar Machado, lembrei-me d'aquella designação de *litterato* que tinha ouvido a miss. Eugenia e a que não ligara significação alguma.

E á admiração que tinha pelo talento do auctor dos *Contos ao luar* juntou-se a velha estima e gratidão que tinha pelo homem do livro de bonecos e todo o meu desejo era fallar com elle, era conhecel-o, era ser seu amigo. Mas como? Pedir a alguem uma apresentação a elle? Para que? O que lhe havia de dizer?

A sua fama intimidava-me; e depois Julio Cesar Machado estava então no *galarim*, andava sempre com tudo o que em Lisboa havia de mais illustre e distincto nas lettras, no theatro, nas artes: via-o sempre com litteratos notaveis, com artistas celebres, com cantores italianos, uma roda em que eu morria de desejos de me metter, mas da qual não me atrevia a aproximar-me.

Finalmente o acaso encarregou-se de preparar as coisas de modo a eu poder fazer conhecimento amplo com Julio Cesar Machado.

O Pequito, meu antigo companheiro de collegio e meu amigo inseparavel fôra ao concurso para lente do Instituto Industrial e fôra despachado.

Promettera dar um grande jantar aos seus amigos se tal acontecesse e cumprio a promessa.

O jantar foi no Hotel Matta, que então estava estabelecido no palacio do Marquez de Niza ao Chiado, o palacio que ha mezes foi arrasado pela explosão de gaz do bazar suisso, e entre os convidados figurava Julio Cesar Machado, que era secretario do Instituto e com quem o Pequito travara n'essa qualidade relações.

N'esse jantar fiz conhecimento com Julio Machado e fiquei positivamente encantado com elle, de resto o que acontecia a toda a gente que com elle tratava.

A sua conversação tinha um tom tão elegante e litterario, mas ao mesmo tempo tão simples e despretencioso, os seus modos tinham uma distincção tão fidalga, mas ao mesmo tempo uma bonhomia tão affavel, que me pozeram logo á vontade.

N'esse mesmo dia, depois de conversar com elle um quarto d'hora, estava a contar-lhe a historia do livro dos bonecos.

Julio Machado lembrou-se logo, com aquella grande memoria que elle tinha e que enchia a sua conversação e os seus livros de anedoctas e historietas interessantissimas; deu-me um grande abraço de reconhecimento e ficámos amigos.

Quando sahimos do Hotel, Julio despediu-se de mim com uma grande intimidade e pediu-me que fosse a sua casa para cavaquear.

— Você tambem se importa com as lettras, appareça para conversarmos.

E' claro que aproveitei com enthusiasmo o convite e que appareci logo no outro dia. Julio Machado recebeu-me com muita alegria e estivemos conversando largamente como dois amigos velhos, como dois confrades, eu que rabiscava umas litteratices em jornaes, elle que estava então em toda a plenitude do seu poderoso talento e da sua grande nomeada.

D'ali a pouco tempo eu comecei a escrever um folhetim semanal no *Jornal da Noite*.

Os primeiros folhetins que fiz fui lel-os ao Julio Machado antes de os levar para o jornal.

Julio ouvia-os com muito interesse e dizia-me a respeito d'elles tudo o que entendia, com uma grande franqueza amiga, com uma affabilidade encantadora, procurando dizer-me sempre a verdade sem me humilhar com a sua superioridade, corrigindo me os defeitos com habilidade delicadissima de me deixar sempre ser eu o proprio a achar a correcção.

E dia a dia a nossa estima, a nossa amisade foi-se estreitando e a admiração que eu tinha pelo talento do escriptor, transformou-se rapidamente n'uma verdadeira adoração pelo caracter do homem.

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

AS NOSSAS GRAVURAS

SUA ALTEZA O PRINCIPE AMADEU DUQUE DE AOSTA

Mais um golpe veio ferir a familia real portugueza depois de ter ferido a familia real italiana, pela perda de um dos seus membros mais queridos, o principe Amadeu duque de Aosta.

Foi no dia 18 do mez findo, que a morte arrebatou este illustre principe, filho do rei *galantuomo* e neto do infeliz rei Carlos Alberto, que tinha as sympathias geraes de toda a Europa, que lhe respeitava as suas elevadas qualidades de caracter singularmente distinctas, em que a bondade do seu coração se aliava ao valor do seu braço. Um bom e um valente.

Descendente de uma familia de heroes, soube honrar as tradições de seus maiores, e os deslumbramentos de um throno em que se vio sentado, não o fascinaram a ponto de se sustentar n'elle contra a vontade do povo a que presidia.

Este facto o mais importante da sua vida, e que é dos nossos dias, definem bem a superioridade do seu espirito, e descendo os degraus do throno de Hespanha, que fôra convidado a occupar, subio no conceito publico, que desde aquelle momento cercou o seu nome de celebridade, pelo desprendimento mais cavalheiroso que a historia aponta, nos tempos modernos.

O principe Amadeu Fernando Maria, duque de Aosta, nasceu em Turim a 30 de maio de 1845. Era filho do rei Victor Emmanuel, o libertador da Italia unida, e irmão do rei Humberto I actual soberano da Italia, e da rainha D. Maria Pia. Casou com a princeza Della Cisterna em 1867.

A revolução de Hespanha que desthronou a rainha D. Izabel II, e que proclamou a republica, expulsando para fóra do paiz toda a familia real hespanhola, teve um epilogo singular na pessoa do principe Amadeu.

A republica em Hespanha não se sustentou além de sete mezes, que foram sete mezes atribulados no meio das maiores difficuldades politicas, em que as ambições se desencadearam loucamente, levando o proprio general, que primeiro levantara o grito de rebellião, a ser o primeiro a procurar remediar o mal feito.

Tinha de ser a monarchia a unica solução a dar ao estado anarchico em que se encontrava a Hespanha, mas essa monarchia, não podia então ser a da familia expulsa, contra quem estavam ainda indispostos os animos. Era preciso encontrar um principe que quizesse tomar sobre seus hombros o pezado e difficil encargo de vir presidir aos destinos do povo hespanhol, e Prim, o encarregado d'essa espinhosa missão, depois de se dirigir a varios principes da Europa sem alcançar o que desejava, encontrou no principe Amadeu o rei que procurava, que com a mais decidida coragem e a mais generosa intenção, acceitou a corôa que a Hespanha lhe offerecia, sem se importar se por dentro dos esplendores das pedrarias que deslumbravam se occultavam os agudos espinhos que em breve o mortificariam.

E' bem conhecido o epilogo d'este reinado de tres annos apenas, em que Amadeu quiz garantir á Hespanha todas as liberdades de que era digna, mas que o grande patriotismo do povo hespanhol, não poude soffrer um estrangeiro no throno de Castella, e no dia em que o rei reconheceu que não podia, sem violencia, continuar a cingir a corôa que lhe tinham offerecido, depol-a sem hesitações e deixou a Hespanha sem lhe perturbar a ordem, sem que por sua causa fizesse correr uma gotta de sangue.

Tres annos depois falleceu sua esposa, que partilhara com elle de todas as amarguras do seu curto reinado, e esta morte prematura, deixou-o immerso na mais profunda tristeza, que metigou com as consolações da religião.

Doze annos durou a viuvez até que, em 1888 casou com a princeza Lecticia Bonaparte, um casamento de amor, que devia trazer ao desventurado principe alguma compensação dos desgostos por que passara.

Não fôra sem difficuldades que seu irmão, o rei Humberto, o conseguira chamar de novo á vida, luctando por tiral-o do recolhimento e tristeza em que jazia, e por isso o casamento do principe Amadeu foi celebrado como um acontecimento duplamente significativo e de regosijo para a sua familia.

Infelizmente não se gozou muito do seu novo estado, porque a morte impiedosa ceifou aquella existencia aos 45 annos de idade e quando ainda mal contava dois annos das segundas nupcias.

O principe Amadeu esteve em Lisboa em 1886, por occasião do casamento de sua alteza o principe D. Carlos, hoje rei, e ultimamente para assistir aos funeraes de El-Rei D Luiz.

Foi ao regressar d'esta viagem a Lisboa, que elle se sentio atacado de uma pneumonia de que não poude salvar-se.

Do primeiro casamento do principe Amadeu, ficaram orphãos tres filhos, os principes Emmanuel de 21 annos, Victor de 20 annos e Luiz de 17 annos; e do segundo o principe Humberto de 6 mezes.

A morte d'este estimavel principe foi extraordinariamente sentida em toda a Italia, que tinha por elle singular veneração, e a imprensa de todos os paizes, incluindo a propria Hespanha, teceu-lhe os mais justos e elevados elogios.

O rei Humberto assistiu á morte de seu irmão, que amava profundamente, e ao vel-o partir para a jornada d'onde se não volta, lamentou que perdia o seu mais leal amigo e conselheiro.

A rainha D. Maria Pia, ao saber que a vida de seu irmão estava em perigo, quiz partir para junto d'elle, mas o estado melindroso da sua saude não lhe permettiu ir dizer-lhe o ultimo adeus.

CONFLICTO ANGLO-PORTUGUEZ

O VAPOR CANHONEIRA «CASSÍNE» QUE TOMOU PARTE NO COMBATE CONTRA OS MAKOLOLOS

Na carta de Alvaro Ferraz que publicámos no nosso ultimo numero, falla o illustre engenheiro de dois vapores que esperava com soccorros de Moçambique e em que vinha o major Serpa Pinto.

É o vapor que conduzia o major Serpa Pinto que a nossa gravura representa subindo o Chire, em meiados de autubro.

Este vapor, denominado *Cassine* e outro *Maruvi*, estacionam no Zambeze. São de fundo chato, proprios a navegar n'aquelles pequenos rios, e tem á poupa as rodas de movimento em vez da helyce.

Tem cada um uma metralhadora e duas peças, e esta artilheria é a sufficiente em mãos de portuguezes para fazer a guerra aos pretos, que não possuem d'aquellas armas. N'este vapor iam tambem 16 marinheiros da armada e o tenente de marinha João Coutinho.

Serpa Pinto conseguio com estas forças, que poude reunir e que não chegavam a 1600 homens, como Alvaro Ferraz refere, dominar a insurreição dos makololos e pacificar toda aquella parte da região africana deixando livre a passagem do Chiri até ao Nyassa, como é sabido.

É ainda depois d'este e tantos outros factos identicos, em que se evidenceia o grande prestigio dos portuguezes em Africa, que os inglezes nos disputam a nossa soberania n'aquelles paizes, que elles só poderão dominar pela força e destruindo toda a raça indigena.

APONTAMENTOS SOBRE A MARINHA DE GUERRA DOS DIVERSOS PAIZES

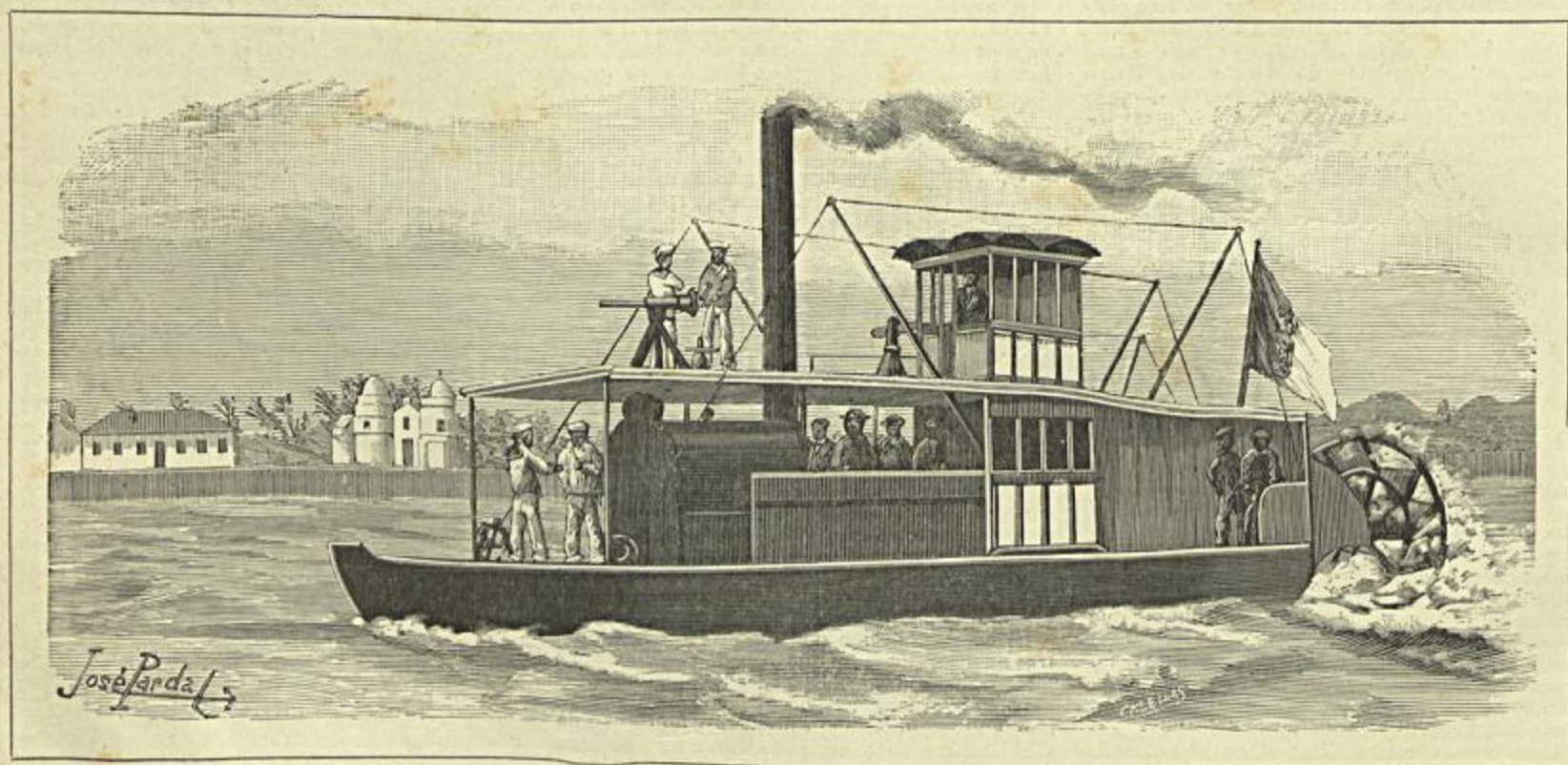
(Continuado do n.º 388)

MARINHA DE GUERRA INGLEZA

O COURAÇADO INGLEZ «BEUBOW»

Sendo o assumpto de momento o conflicto anglo-portuguez, damos hoje á estampa o couraçado inglez «Beubow,» um dos destinados pela *nossa fiel*

SUA ALTEZA O PRINCIPE AMADEU, DUQUE DE AOSTA — Fallecido em 18 de janeiro de 1890

O CONFLICTO ANGLO-PORTUGUEZ

O Vapor canhoneira «Cassine» que tomou parte no combate contra os Makololos

alliada Inglaterra a vir bombardear Lisboa, e que pertencendo á esquadra do Mediterraneo recebeu ordem para se reuuir á esquadra do canal, que estava fundeada em Gibraltar esperando ordens.

É um navio de 10:600 toneladas, de construcção recente (1888) e o seu custo foi de 3.500 contos de réis aproximadamente, dispõe da força de 11:500 cavallos e andamento quasi de 17 milhas, é armado com dois grandes canhões de 111 toneladas cada um e 16 outros mais pequenos

Como se vê pelo que expomos os grandes couraçados não estão condemnados, antes pelo contrario, porque a Inglaterra tem actualmente em construcção mais quatro ainda de maior tonelagem, armados com quatro canhões de 67 toneladas cada um, que devem estar promptos em 1893; isto alem de ter entre outros couraçados eguaes ao Beubow em artilheria e andamento os Sans Pareil e Victoria.

E não se envergonha a cobarde Inglaterra de vir affrontar com forças d'estas, que o seu grande poder monetario lhe permitte, uma nação de navegadores e de heroes, mais ricos de patriotismo e de honra do que de ouro, e que apenas tem para se defender alguns navios de madeira e um couraçado com peças de 18 toneladas!

É aqui que se conhece o valor e a coragem inglezas; só com o fraco é que sabem ser valentes, só com o fraco é que fazem exposição e alarde das suas forças; porque as não vão mostrar á França, á Russia, á Allemanha, aos Estados Unidos da America, ou a outras nações assim? Cobardes que só tem valentia com o *port wine* e com os fracos.

Desculpem os nossos leitores este bocadinho de azedume que não podemos calar n'esta occasião, n'um artigo unicamente destinado a dar noticia da marinha de guerra dos differentes paizes.

(Continúa.)

Grumete.

CONFLICTO ANGLO-PORTUGUEZ

A INGLATERRA CONQUISTADORA

Disse o illustre professor Carlos de Mello, homem de sciencia e distincto escriptor, que os piratas inglezes preferiam roubar os nossos navios a arriscarem a vida em perigosas travessias para que não estavam habilitados.

É uma verdade.

Durante mais de um seculo, principalmente no que decorreu de 1418 a 1520 o Oceano Atlantico era sulcado, explorado e invadido por milhares de esquadras e não se encontra um nome inglez!

De Christovão Calombo aos Cabotos, Cortes Reaes, Vicente Yañez e Pedro Alvares Cabral; d'este a João Dias de Solis; de Solis a Fernão de Magalhães; fôra explorada toda a America e reconhecida na collossal extensão de 2.800 leguas.

E não se encontra um inglez!

Bartholomeu Dias dobra o cabo da Boa Esperança, e depois as esquadras de Vasco da Gama, Francisco d'Almeida e Affonso de Albuquerque, tornam por completo conhecidas a Abyssinia, a Persia, as Indias e toda a Africa oriental.

E não se depara um nome inglez!

Os manuscriptos dos nossos gloriosos navegadores onde se descrevem os roteiros do Cabo Branco ao Senegal, o paiz de Gambia, os de Cabo Verde a Sofala; Arabia Persia e India descripta por Duarte Barbosa onde se trata já de Zanzibar, Maçua, Ormuz, Baçora, Narsingua, Bisnagna, Malabar, ilhas do Maluquo, Ceilam, etc., etc. — não provam senão que os portuguezes navegavam, descobriam e conquistavam para bem da sciencia e em prol da civilisação.

E o inglez limitava-se a roubar os nossos galeões quando n'elles não via, tremulando nas adriças, a nossa flamula de guerra.

Um valente o tal inglez!

Como hade a Inglaterra civilisar se ella só tem interesse na corrupção, por isso que estes flibusteiros tem em seu poder um thesouro muito superior (embora roubado) ao que a Allemanha conserva em Spadau para as contingencias da *desforra* dos francezes.

Corrompe, perverte as consciencias para poder comprar.

Não se batem senão com quem lhe esteja dez vezes inferior em força; basta para isso lembrar o que fizeram em Copenhague onde assassinaram 20:000 pessoas, Alexandria e á nossa Madeira; e a esta foi ainda no principio d'este seculo, dizendo que vinham defendel-a do jugo de Napoleão, ao passo que abandonavam o paiz onde as tropas de Bonaparte o ameaçavam!!...

O CONFLICTO ANGLO-PORTUGUEZ

A REUNIAO DA IMPRENSA DE LISBOA NO SALÃO DA TRINDADE, NA NOITE DE 23 DE JANEIRO DE 1890. (Vid. *Chronica Occidental.*)

(Desenho de L. Freire)

*
* *

Como verdadeiros piratas só se batem no mar; nas condições que apontámos. Logo que desembarquem são fatalmente espatifados. Ainda não deram batalha sós, em terra, ao povo menos aguerrido, que não fossem derrotados. Ultimamente até levaram uma sova real, perdendo um dos seus melhores generaes, Gordon; e para maior humilhação apanharam a sova de um exercito em que os soldados usam uniformes com saias!

E são tam egoistas e cobardes que nem aos seus acodem, logo que viram Gordon cercado em Khartoum, não foram corajosamente levantar o cerco e salvar o seu general, trataram de comprar com *ladras* os sitiadores! Mas os cafres responderam-lhe que o dinheiro não lhe servia de nada sem a sua honra, queriam os seus campos, as suas povoações! e obtiveram tudo, tudo. O cobarde inglez não quiz apanhar outra sova dos cafres!

Até dos cafres!...

*
* *

Agora vejamos na Africa os processos do poltrão britanico.

Onde ha perigo ninguem vê o inglez. Isto explica decerto porque o pirata não tem ainda roubado tudo. Elle só assalta quando saiba que os defensores do thesouro invejado sejam homens doentes ou velhos e mulheres ou creanças.

Gomes Leal, o grande poeta nacional estampou-lhe na fronte o seguinte ferrete:

Amaes fazer o bem, mas só a dez por cento!
Cançais-vos a clamar ao globo e ao firmamento
Vossa phrase banal de «*civilisação*»
Philantropos de club e de infima extracção,
Caixeiros *generaes de equivocas victorias*,
Em vós tudo é opaco: o céo, o dia, as glorias,
A honra, a caridade, o amor, o sentimento,
Amaes fazer o bem, mas só a dez por cento.

Generaes de equivocas victorias! falta acrescentar: — como o bravo vencedor de Araby-pachá o *valente* general Wolseley!

Delenda Albion! Delenda Albion! É preciso destruir a Inglaterra.

É preciso que todas as nações civilisadas concorram para o bloqueio continental a fim de fazer desaparecer do mundo aquelle coito de piratas, aquelle ninho de bandidos.

É preciso destruir a Inglaterra como foi indispensavel nos principios d'este seculo fazer baquear o despota Napoleão I.

Que desappareça, e depressa, afim de que a civilisação limpe e expurgue de si essa nodoa que se chama *Inglaterra.*

*
* *

Os serviços em Africa da Inglaterra á civilisação!!!

Em primeiro logar o seu principal objectivo é exterminar o negro avassalado ao dominio portuguez!

Nas guerras do interior d'Africa o negro procura sempre o branco como arbitro para dar razão a um dos beligerantes; — e *branco* em toda a Africa austral quer dizer *portuguez*.

O inglez conquista enganando, roubando e matando para que não fique testemunha do embuste ou do roubo.

Expliquemos:

Para oeste dos nossos districtos de Sofala e Manica fica o paiz dos Matebelles, vassalos do regulo Lubengula, o mais estupido e feroz dos reis negros. Os inglezes em 1867 já por ali andavam a *civilisar* os jazigos de ouro. Lobengula apezar de mal armado era o terror das regiões lemitrophes. Era de tal nomeada a ferocidade do regulo dos Matebelles, que o bispo de Bloemfontein n'uma reunião publica em Vryburg disse:

—«Uma cousa que eu nunca faria era dar uma espingarda a Lobengula, ainda que elle m'a pedisse. Preferiria sacrificar toda a minha expedição a dar armas de fogo a um Matebelle, porque é preciso que todos saibam que essas espingardas seriam empregadas no *assassino de gente inoffensiva* e innocente. Seria isso um acto que o homem que o praticasse lamentaria largamente n'este mundo e no outro. O acto do fornecimento de espingardas aos Matebeles é tão abominavel que não pode ser excedido em diabolica brutalidade!»

O bispo de Bloemfontein é considerado por todos os africanistas um sacerdote venerando e de incontestavel auctoridade pelo seu caracter e pela sua illustração.

O que fizeram os inglezes? Deram a Lobengula mil espingardas Martini-Henry e 300:000 cartuchos! O governo do Cabo da Boa Esperança ia protestar contra o nefando attentado, mas teve de calar-se ao saber que o importador das armas contra a civilisação fôra sir Sidney Shippard, funccionario nomeado pelo governo de Sua Magestade Britannica e para com elle unicamente responsavel!!...

Não acham que seja civilisador este acto do governo inglez?

*
* *

Em 1885 exploravam já a bacia de Lujenda, affluente do Rovuma, encontrando ricas minas de carvão e ferro. Arnot seguia de Shoshong ao nosso Bié e o padre inglez Grenfell estudava o Mobangi. Do sul e proximo á região da colonia do nosso antigo Cabo da Boa Esperança, partem os inglezes para o Cubango e estudam o modo de empolgar o grande commercio de Bocusso, seguindo para o norte e fallando sempre como *delegados portuguezes* tentam obliquar para a costa. Está-lhe porém o caminho vedado! Já lá se tinham alojado os allemães!

Se encontrassem portuguezes tomavam a posição na sua qualidade de *fieis alliados*. Se fossem apenas os negros forçavam e tomavam o paiz dizendo que haviam sido agredidos.

John Stewart e Evan procuraram ligar por uma estrada os lagos Nyassa e Tanganika, morreu sem conseguir a empreza que tinha por fim servir uma companhia que lhe adiantara bons interesses, insistindo na condição de apagar tudo quanto recordasse a occupação portugueza. N'este caso a civilisação era o syndicato que lhe enchia as moxilas de libras!

Em junho de 1885 Goodrich, achando-se no Kasungo a oeste do Nyassa, declarava por bom dinheiro nos jornaes *honrados* de Londres, que os inglezes eram desejados n'aquellas regiões desde o tempo de Levingstone.

Todas estas expedições foram tão pacificas que se não recuou diante do incendio, do assassino e até mesmo do veneno. Conhece-se em Africa a passagem do pirata pelo rasto de cinzas que deixa na esteira do caminho.

Estes senhores ás vezes, bem poucas por signal, pagam caro o desplante; em 1886 foi executado pelos negros junto ao Nyanza o padre inglez Hannington apanhado em flagrante delicto de *civilisar* á britanica.

O'Neill desde 1885 que anda por ordem do inglez a *civilisar* os nossos terrenos do Zambeze, Ibo e Quilimane. E parece que *civilisou* tão a contento da pirateria que até foi presenteado com uma medalha de ouro. Stephenson estabelece vapores artilhados nos lagos para *civilisar* os povos das margens.

De modo que durante quatro annos a Inglaterra fez um cerco completo ás nossas colonias tendo pelo sul desde o Cabo: Arnot, Grenfell, Stewart, Evan, Goodrich, Hannington, O'Neill e Stephenson visando o Chire e o Rovuma (que marca pelo Cabo Delgado o limite norte de Moçambique.) Pelo norte está o Zanzibar nas mãos dos inglezes mais no que na dos allemães. O assalto do negro ao nosso Tungue já foi obra da mão ingleza.

Portanto ha quatro annos seguidos que os inglezes não só nos declararam guerra desalojando, quer por meio de intrigas quer pela força, tudo que lhe pareça portuguez, como tomando posse effectiva.

E sendo como demonstramos o attaque tão intenso, póde admittir-se a possibilidade da ignorancia de tal facto nos nossos governos?!

Que providencias deram? Ou me engano muito ou é já tarde para pensarmos n'uma ligação portugueza entre as nossas colonias de Angola e Moçambique.

Pois não estão entre essas colonias estabelecidos os povos dos reinos Matebeles e Machonas? Pois o novo districto do Zumbo não está dentro dos antigos tratos de terreno conhecidos nas cartas pela designação de — *Limitte da concessão Paiva de Andrede* — alcançando o Chire?

Já são tambem inglezes estes povos?

Não ha n'isto pessimismo. Angola e Moçambique sem o commercio do interior não tem condições de existencia portugueza, e não pertencendo a Portugal os povos Matebeles e Machonas, o interior está perdido.

Manoel Barradas.

D. ANTONIO DE TRUEBA

(CONVERSA PREAMBULAR)

I

... Sr. Brito Aranha — Aqui lhe trago a introducção do seu livro; e, sem o menor custo, porquanto eu folgo sempre na leitura dos escriptores hispanhoes, que, similhantes aos pintores castelhanos, me causam admiração. O meu amigo já entrou no museu de Madrid, e conhece por certo a bibliotheca de Rivadaneyra, compendio de tão celebrados auctores? Pois bem, elles são a Hispanha: — isto é, o que de mais grande ha na Europa. Se outros povos deitam pregão ao mundo por seus feitos de guerra, sua philosophia, genio industrial, tradições e revoluções, nenhum maior deitou pela sua litteratura! E' que os pensadores de outras nações, em dada época, vemol-os animados de egual sopro, do mesmo espirito, e das mesmas idéas. Aos escriptores da Hispanha, o seculo domina-os, talvez, sem que possa fazer-lhes abdicar suas paixões, feição e originalidade. Eis porque eu os admiro.

Deixe-me trazer-lhe para aqui um austero pensador illustre, com quem me criei: — Balmes, um padre, e então o que ha de mais genuinamente hispanhol. Elle me conduz direito ao assumpto, porque tambem nasceu ali perto da Biscaia, mais para o mar, a nordeste e leste, sobre o Mediterraneo, onde é a Catalunha. Ambas as capitanias eu conheço. Em 1883, D. Grogorio de Sabalza, governador de Barcelona, contou-me das provincias de Gerona, Lérida e Tarragona, insoffridas do governo central. Em sua convivencia apreciei a sociedade catalã. E o mais que elle não disse, referiu-m'o Doña Romero Pillar de Sabalza, senhora gentilissima, ao lado de quem assisti á unica tarde de touros, que vi na Hispanha.

Historiographos, romancistas e poetas teem-me contado da Biscaia; e não atravesso as Vascongadas, que demoram entre a Navarra, a Castella Velha e o golpho de Gasconha, sem que me acuda á lembrança o ter lá nascido o nosso illustre poeta Bulhão Pato, e que a mim, no golpho de Gasconha, me ficou um parente, ao praticar acção heroica, que hei de trazer á collação, um dia que os velhos amigos se me abeirarem á chaminé, e forem dispostos á narrativa de cousas portuguezas. Quem vae até França, encontra Portugal por ali, e olha a cordilheira pirenaica, como ao caro tumulo de amigos. Ali, os nosos a distacia de 20 annos, foram actores principaes de dois enormes dramas. No primeiro, (representavam-'o a 21 de junho de 1813), um rei, José Bonaparte, perdeu a corôa das Hispanhas, e a riqueza propia que guardava nas bagagens d'um exercito. Este acontecimento pathetico intitula-se a grande batalha de Victoria. A cidade d'este nome vê-se da estrada de ferro; e, a sumir-se entre choupos e plátanos, esrpeita as duas Gamarras, a maior e a menor, onde os nossos forçaram a gloria no 8 de caçadores e no 1 de infanteria, em que era tenente-coronel um dos homens mais excelsos de Portugal: — o Saldanha.

No segundo, de 1837 a 1839, drama em dois actos, dois annos, differentes quadros, muitas batalhas; lá se veem egualmente portuguezes, militando ás ordens de Carlos V, na defeza da legitimidade. D'essa vez tambem viram rolar uma corôa nos despenhadeiros das Vascongadas, de onde surgira, uma bella manhã, entre os rozeiraes da poesia. E comtudo, este paiz, espectador de tão enormes aventuras, não é o paiz dos romances e legendas hispanholas; o de que falam os contos mouriscos; — de torres em ruina, de velhas cathedraes, e castellos dentilhados de ameias, a confundirem-se com as rocas, onde se erguem, e que, a tiro de chumbo, com ellas se confundem; não é o paiz do Cid, o voluvel Ruy Dias de Bivar! É o paiz das fortes dedicações, da tenaz constancia, das instituições originaes, quasí republicanas, essencialmente poetico como a Vendêa, mais popular como a Bretanha. É a região dos valles pittorescos, onde os soutos e as carvalheiras prolongam na serra as amenidades da planura; paiz, onde se joga a malha, a péla e a barra; similhante ao nosso, de fogueiras no S. João:

«Mañanita de S. Juan,
«Quaedo la gente madruga.»

É o paiz em que os agricultores de preferencia lavram o milho, e se visitam uns aos outros, em grandes romagens; ou melhor visitam os bons santos, padroeiros das freguezias; lindos santos de tunicas azues, figuras córadas, e formosas barbas revoltas; santos paternaes, que se encostam ao bordão florido, e deitam bençãos, com olhos

brilhantes, sempre parados. E é então, em volta da egreja biscainha, onde elles presidem estaticos e indulgentes, no terreiro, certamente o sitio mais regular e espairecido da aldeia, onde fica o mercado e o passeio,—que os habitantes se reunem, cumpridas as cerimonias do culto, para ouvir os pregões da camara (bandos), e celebrar os seus jogos, as danças e cantar os *zorzigos;* paiz onde abastados e humildes, na convivencia a mais irmã, dançam uma e outra roda ao som alegre do tamboril! E' o paiz das mulheres formosas, que o principe de Lichnowski, soldado nas guerras de D. Carlos, descreve da seguinte maneira: «As mulheres são elegantes, de cinta delgada, de pé pequeno, feições regulares, grandes olhos negros a revêr expressão, ensombrados de longas pestanas.»

Meu amigo: — O Taine diz bem, o meio faz os homens. Para os conhecer é urgente indagar-lhes do berço, das tradições e crenças da sua terra, das idéas e ideaes do seu paiz. Eis porque lhe falei da Biscaia, antes que venha a discretear ácerca do seu mais illustre filho: — Antonio de Trueba. As Vascongadas explicam o seu historiador.

II

Antonio de Trueba veio á luz na freguezia de Montellano, municipio de Gualdames, nas Encartaciones; pois assim chamam aos quinze concelhos do senhorio da Biscaia. Porque foi poeta e não lavrador, dil-o elle no seu livro *Cuentos de color de rosa*, em um conto, que tem aquelle mesmo titulo: — *porque hay un poeta más y un labrador menos.* O seu leitor não requer maiores informações a este respeito. A propria mãe não as poderia dar. *Yo no sé lo que tiene este pobre hijo mio!* — dizia ella, se o via scismabundo, ou alegrissimo, já a balbuciar versos, quando os prados se cobriam de flores e as encostas tambem, e era o verdecer das montanhas; quando no *campo de las casas*, da freguezia de Montellano, elle ajudava á festa bailada, traduzindo em rima os *assumptos de cantares* que lhe dava sua prima Pepa, *gran tañedora de pandereta.* Foi lá, sim; foi lá o madrugar-lhe o *genus irritabile vatum;* que para elle, o bom cancionista, que tanto e tão bem comprehendeu a brandura e a simpleza dos costumes populares das montanhas, nunca foi *irritabile!*

Aos 15 annos, porém, por o livrarem de hombrear a escopeta dos carlistas, o mandaram os paes a Madrid, tirando-o dos trabalhos ruraes, onde elle andava moirejando e a assobiar com os melros. Assim o expulsaram do seu paraizo! Mas o gladio de fogo, foi n'este ensejo o amor da boa Martha de la Quintana, que estremecia ao querido filho, e, quem sabe? com a intuição das mães, o desejava para maior gloria, que a de usar a boina carlista, e a de morrer varado de balas n'alguma ribanceira, ás ordens de D. Sebastião! Foi ella, certamente, a boa Martha; e eis o porque dos refolhos de caricias e blandicias, eivados de respeitos e saudades, com que elle falla de sua mãe, — e de todas as mães, que nenhuma encontro, em seus versos ou prosas, que não sejam mulheres de entranhas maternaes. Em Madrid se occupou dez annos no commercio de *ferreteria;* ora na *calle de Toledo* n.º 81, depois na de *Esparteros* n.º 11, onde dava aos estudos litterarios o tempo sobrado de suas fadigas. A litteratura era o seu vicio! loucura mansa, com que na peninsula se entretem e engana a vida, sem maiores recompensas do que os encomios de alguns jornaes, a inimizade de muitos, e a pobreza franciscana! Seja como fôr; elle, poeta e contista a valer, não podia fugir ao seu fado. Em 1851 publicou *El Cid campeador* e *El libro de los cantares.* Em 1853 encontramol-o na redacção da *Correspondencia autographa de Espana*, a escrever e a rabiscar até 1858, durante o que, deu a publico os *Cuentos populares*, os *Cuentos campesinos* e os *Cuentos de color de rosa.* Em 1859 maridou-se com D. Thereza do Prado; e viuvo em 1881, d'esta senhora lhe ficou uma filha encantadora, *Ascencion del Señor*, de quem o poeta diz, com propriedade:

> Que es una muger de aquellas,
> Que llenan toda la casa
> Por chiquititas que sean.

Em julho de 1862, quando se celebravam *juntas generales sob el arbol de Guernica*, na Biscaia, foi elle nomeado por acclamação *archivero y cronista* da senhoria. N'aquella provincia e nas duas outras das Vascongadas, nenhum homem mais popular e querido, bem como fóra da Hispanha, pois o *Libro de los cantares* e os *Cuentos de color de rosa*, correm toda a Europa em linguas differentes. Em 1870, levando a poesia a tudo, a sua, tão d'elle, escreveu as *Legendas genealogicas de España*, livro primoroso, onde é romanceado o brazão, que certamente ficou pasmado de se ver tão ingenuo e bom. Como historiador da Biscaia, corre impresso o *Bosquejo de la organisacion social de Viscaya;* e ainda em 1874 vem a publico o illustre romancista com o seu livro *Mari-santa*, idylio gracioso, sentimental, simples, que é a collecção das ultimas verbenas, rescendentes de todas as graças do seu amor, que depôz no altar onde sempre celebrou o culto de seus paes, que, segundo elle affirma na dedicatoria, — *estan en el ciecIo.*

Por 1870 foi demittido do cargo de archivista e historiador da Biscaia. A prebenda, antes que o talento do cancionista, tal a razão das sanhas do novo regimen, vencedor em Alcolêa. Pouco se lhes dava, a elles, homens de republicas, que o poeta fosse a voz inspirada e suspirada da multidão; que houvesse ganho sua diminuta synecura no prelio das lettras; pouco se lhes dava! Viver de um idéal, desentranhar com vontade firme da fugitiva imaginação os brilhantes *colibris* que lá esvoaçam e fogem, travessos, impalpaveis, com azas iriadas de borboletas, animar esses phantasmas com insigne talento; assoprar-lhes a vida, a forma, a paixão, que, sendo a paixão popular, confere a sagração publica, e ao escriptor os fóros de homem de genio,—tudo era cousa de menos para os politicos, que acabavam de transmutar o governo de Madrid! E todavia Trueba era bem do povo e poeta nacional. A sua musa inspirada, em prosa ou verso, contou-nos o romance dos acumes alcantilados das serranias biscainhas; os amores singelos que florejam nas suas devezas e quebradas, ou á sombra dos castanheiros, que descem até ás pradarias; não raro o florilegio santo que verdeceu nos campos de batalha de duas religiões! Tudo elle sentiu e teve artes de referir; pois aquelle pensativo e pensador vinha das Encartaciones, onde tudo lhe era poesia: — o dobrar da campa na egreja aldeã, e o silencio da tarde entrecortado pela cantiga das moças vasconças; mulheres bonitas, de saia curta e fórmas graciosas, que meneiam com donaire, a lembrarem pelo sereno semblante, e pelos cabellos negros e longos, as mulheres da Biblia; mulheres amoraveis, meigas, alegres, que, além da belleza na conformação physica, inspiram as grandes sympathias e as paixões, em que a serenidade do semblante se torna em pranto desfeito. Isto se vê e escuta nos versos do poeta, onde a cadencia parece que foi pautada pelo tamboril das montanhas bascas. É que a sua lyra, a maior das lyras, comprehendia todas as tristezas e alegrias da sua provincia, onde na grande voz da natureza, a voz do mar vence a da serra, e é menor a do homem, que apenas soluça, canta e chora!

Pois foi demittido! Má acção que o apaixonou por tal arte que ainda d'isto se queixava em janeiro do corrente anno. Pelo que, em 1872, se transferiu a Madrid com a sua familia, afim de obter os meios de subsistencia, que lhe escaceavam na Biscaia. Ao termo da guerra civil, porém, (11 de fevereiro de 1873) reintegraram-n'o em suas funcções; e elle pode voltar á sua querida terra, á dos amores de toda a vida. E porque a amava tanto, e tanto d'ella escrevera e poetara, tornou a *senhoria*, em suas ultimas *juntas generales* a honral-o, com a dignidade de *Padre de provincia.* Outro qualquer, menos poeta, talvez preferisse um emprego rendoso, elle ficou todo desvanecido, e mais, quando em janeiro d'este anno os vasconavarros residentes nas republicas Argentina, de Uruguay e do Paraguay abriram uma subscripção para edificar em Bilbau uma casa, que lhe offerecessem. Não sei se o illustre contista pode lograr cumprida esta grande prova de respeito e affecto dos seus compatricios; — é certo que morreu na pobre habitação de seus paes, em março preterito e cercado dos amoraveis sentimentos affectivos, que lhe foram a vida e a inspiração.

III

Aqui tem, Brito Aranha, o escorso do illustre escriptor, de cujo espirito immortal apresenta hoje a publico o perfume rescendente.

Eu creio, meu amigo, que pratica uma boa acção. Os contos do poeta são a realidade da vida; viu a creança que chorava, a mãe a embalar os filhos, as paixões e amores creados e mortos nas serras, e que são expontaneos como as rosas das silveiras, obedecendo á lei eterna da natureza, que floresce e remoça. De tudo fallou e contou o seu poeta, e com a graça nativa de um bom patriarcha, que no deserto (o de hoje!) fallasse a seus filhos da terra da promissão. E porque todos os sentimentos lá se encontram, mesmo os que nascem entre as ensombradas flores da tristeza, todos o amaram; e nós tambem.

N'estes seus contos populares, bem o diz o poeta, tudo é ligeiro como as mariposas de maio, e claro como as manhãs de junho. Ao lel-o, a gente lembra-se da provincia portugueza, das nossas aldeias, onde á lareira se ouvem historias de ladrões, que nos foram a nota dramatica da infancia; historias, em que ladram os cães, presentindo o ataque da quadrilha de homens mascarados, que levam as pratas das arcas velhas da casa quadrangular e solarenga, que se esconde sob as nogueiras. São contos como os da boa velha, que conhecemos na infancia, e de que estou bem lembrado, pois até a pintou o morgado Matheus no quadro eloquente, que está em Evora, e em que ella nos apparece a fiar na roca. E nós logo a conhecel-a: ajudou a crear os filhos; ralhou com os paes por amor d'elles; e em minha casa chamava-se a tia Angelica, como se o nome estivesse a revelar as suas entranhas de eterna virgem-mãe.

Para em tudo o seu livro nos reviver as nossas cousas, nem lhe falta o brazileiro que volta rico da America, e que, desembarcando em clara manhã n'um lindo porto de mar, (o de Castro Urdiales), lindo como os nossos, — sobe a montanha da sua terra, para enxergar o valle onde nascera! A poesia da saudade a interessar-nos com a poesia do mar, a nós que somos marinheiros! Que admiravel conto! E tambem não faltam ao seu livro as tristezas da emigração, que despovôa os campos por um paiz, onde, como refere o poeta contista — «a flor da juventude vae buscar um sepulchro triste, triste!... que nem as lagrimas da mãe o sanctificam, nem as flores do valle nativo o adornam.» Que formosissimo apologo este, o da *Resurreição da alma*, em que as lagrimas de ternura dão o mesmo vigor á alma lacerada que o orvalho ás plantas! Protesto energico, sentido, verdadeiro contra a material decadencia da nossa época, e das nossas lettras, plantas descoradas que se repastam da podridão! Melhores os romances d'elle, de Trueba, começados, vividos no caminho da fonte á maneira da Biblia, onde «Rebeca, enche o cantaro de Eliezer.» Sim, melhores os cantos do illustre poeta, onde se premeia a virtude e o mal é castigado, tal como o requer o bom senso do povo, que dicta a lei da vida nas suas historias e nas suas cantigas.

Eis porque o seu livro é um livro de occasião; vem a proposito, n'este momento, em que as instituições, até as mais queridas, estremecem e se vão esphacelando, desamparadas na indifferença geral.

Felicito-o, meu amigo: A sua traducção é a mais fiel que tenho lido, porque é popular e é enriquecida das locuções do povo, que nas duas nações amigas muito se assimelham.

Lisboa, 25 de Maio de 1889

CONDE DE VALENÇAS

REVISTA POLITICA

Conserva-se a mesma anciedade publica a respeito da nossa situação politica, em face dos ultimos acontecimentos. Começam mesmo a revelar-se cértas impaciencias a que não é estranha a politica partidaria, e o mais curioso é que essas impaciencias partem principalmente dos politicos da situação transacta, dos mesmos que antes do seu governo cahir e depois da vergonha por que fizeram passar a nação, aconselhavam toda a prudencia e todo o socêgo para se concluirem as negociações da desgraçada pendencia.

Pobre patria onde a indesciplina e ambição partidarias podem mais do que tu! Pobre patria que já não tens nas horas supremas das tuas angustias, a dedicação cinsera de teus filhos a cooperar para a tua salvação!

É tristissimo o espectaculo a que assistimos n'estas horas de provação, ao vermos as divergencias que por ahi se manifestam entre os portuguezes, quando deviam ser todos por um e um por todos.

Parece que mão occulta promove essas divergencias para nos enfraquecer mais ainda do que já estamos; parece que o partido que mais se exaltou

quando esses vis ilheus cuspiram a afronta á nossa patria, esse partido que tem a presumpção de regenerar a patria pela republica, já não é portuguez, já não se importa com estes quatro palmos de terra em que vivemos, porque entre elle e o resto da nação appareceu um padre!

Isto parece impossivel se não fosse irrisorio; isto dá a medida do senso pratico do partido que quer salvar a patria, e se algum verdadeiro patriota tivesse duvidas sobre a sinceridade com que o partido republicano veio gritar para a rua em defeza da patria, essas duvidas desfizeram-se em vista da estupida manifestação que fez no salão da Trindade, ao lêr-se, na relação dos nomes propostos para a grande commissão de defeza nacional, o nome do Cardeal Patriarcha.

Dir-se-hia que se tinha lido o nome d'algum d'esses famosos missionarios protestantes que, no interior da Africa, conspiram contra o dominio de Portugal. Dir-se-hia que se tinha lido o nome de algum chefe de traidores á patria que a conduzisem á perdição, e que Portugal era um paiz mahometano, onde o crescente não podia encarar com a cruz.

Já o foi, mas os portuguezes que então varreram da peninsula a meia lua e alçaram a cruz, eram tão grandes e audaciosos quanto são pequenos e ridiculos os que hoje a querem derrubar.

Aquella provocação da Trindade operou uma reacção, que deu em resultado o crear-se na commissão uma presidencia honoraria, em que ninguem tinha pensado até aquelle momento, e foi proposto para esse logar honorario o sr. Cardeal Patriarcha. Era a satisfação que um paiz catholico dava ao chefe da sua egreja, pelo aggravo que um punhado de catholicos lhe tinham feito.

A isto conduziram os republicanos com as suas leviandades, uma commissão em que se tinham incluido individuos de todas as parcialidades politicas, desde as mais conservadoras até ás mais avançadas, em que não foram esquecidos os socialistas e anarchistas, sem protesto de ninguem.

Quem são aqui os intolerantes e quem são os liberaes?

Deixêmos, porem, os nossos irmãos republicanos entregues aos seus caprichos inconsiderados e trabalhemos pelo bem da patria, que é de todos nós, com o bom senso que é mister para o triumpho da nossa causa.

Não nos illudamos com umas idéas que para ahi apparecem importadas, de federação ou allianças visinhas, porque a nossa situação não lucraria com isso o sufficiente para nos tirar da posição de um rato entre dois gatos.

O que é mister é fazer uso das nossas proprias forças aliadas e reforçadas por quem não nos pertenda absorver. O que é preciso é trabalharmos e muito para mantermos a independencia que tanto amamos, e para isso não precisamos inventar nada, basta seguirmos os exemplos das nações tão pequenas como a nossa e que sustentam a sua independencia á custa de muito trabalho.

Já não temos que descobrir mundos com todos os seus thesouros; já não temos que conquistar com as armas, em que o heroismo da nossa raça tantas epopeas grandiosas escreveu na historia. Temos simplesmente que nos defendermos; temos que sustentar a nossa independencia, e para isso basta attentarmos na constituição das sociedades modernas, cuja base é o trabalho e só o trabalho porque é elle a fonte de todas as riquezas e o esteio mais solido de todas as independencias.

João Verdades.

CONFLICTO ANGLO-PORTUGUEZ

O COURAÇADO INGLEZ «BEUBOW»

Vid. artigo — Apontamentos sobre a Marinha de Guerra dos diversos paizes, etc.

RESENHA NOTICIOSA

Historia de Christovão Colombo. — Um descendente de Christovão Colombo, o duque de Veregua, offerece trinta mil pesetas de premio a quem melhor escrever a historia d'este descobridor. Já consta que de França concorrem varios authores. De Portugal não concorrerá nenhum escriptor a este certamen?

Missa por alma de El-Rei D. Luiz. — No dia 23 do mez passado celebrou-se na egreja dos Martyres uma missa e *libera-me*, por alma de El-Rei D. Luiz, mandada dizer pelo potentado africano da Africa Occidental, sr. Manoel José Puna, barão de Cabinda. Assistiram a este acto religioso funccionarios civis e militares, achando-se tambem representada a familia real.

O sr. Jayme Pereira de Sampaio Forjaz de Serpa Pimentel, primeiro tenente de marinha, foi encarregado pelo sr. barão de Cabinda de o representar n'esta cerimonia funebre e de fazer os convites.

Caminho de ferro de Lourenço Marques. — Consta que se acha concluido o caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transwal, cuja conclusão se fez por conta do governo.

Vae ser aberto provisoriamente á circulação. E não querem que os inglezes nos roubem Lourenço Marques?!

Breve publicaremos alguns desenhos d'este caminho de ferro.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Contos de Trueba traduzidos por Brito Aranha e prefaciados pelo Ex.^mo^ Sr. Conde de Valenças (Dr. Luiz Jardin). Antonio Maria Pereira editor, Lisboa. 1889. Um volume de 236 paginas in-8.º

Apezar da litteratura hespanhola ser pouco conhecida no nosso paiz, alguns auctores ha na lingua de Cervantes, que conseguiram vulgarisar as suas obras para cá das fronteiras, e entre esses auctores está D. Antonio de Trueba, o singelo poeta contista, uma das glorias da poesia hespanhola, cujos seus contos tanto agradaram em Portugal, quando pela primeira vez foram publicados alguns, no *Archivo Pittoresco*, traduzidos pelo sr. Brito Aranha. É, portanto inutil encarecer as bellezas dos *Contos* de Trueba, que uma boa parte do publico portuguez, que lê, conhece e aprecia. Outra circumstancia, porem, recommenda o livro de que falamos, e é que esta edição está prefaciada pelo sr. conde de Valenças, com um excellente estudo biographico de D. Antonio de Trueba, que é um trabalho litterario de grande merecimento que não rezestimos ao desejo de o reproduzir nas paginas do Occidente como um verdadeiro primor.

Com a devida venia transcrevemos n'outro logar d'esta folha o bello estudo do sr. Conde de Valenças, certos de que será lido com agrado pelos nossos numerosos leitores.

Adolpho, Modesto & C.ª — impressores